Ellen G. White e a ficção literária

Ellen G. White and the literary fiction

Milton L. Torres[1]

Este artigo aborda a questão do uso da ficção literária nas instituições adventistas de ensino e leva em consideração as declarações de Ellen G. White que aparentemente condenam essa prática. Seu objetivo é verificar, à luz das publicações literárias da época e da opinião dos especialistas adventistas em literatura, as circunstâncias em que Ellen G. White se pronunciou acerca da ficção. Além disso, analisa se a concepção que Ellen G. White tinha do termo ficção corresponde ou não à definição de ficção literária. Finalmente, o artigo trata das implicações dessas considerações.
Palavras-chave: Literatura; Ellen G. White; Ficção; Leitura recomendável

This article deals with the use of literary fiction in Adventist schools and takes into consideration statements by Ellen G. White that seem to condemn this practice. Its main objective is to assess - in the light of the literary publications of Ellen G. White's time and the opinion of Adventist literature scholars - the circumstances in which Ellen G. White made her remarks concerning fiction. Besides, the article analyzes whether or not Ellen G. White's idea of fiction corresponds to the technical definition of literary fiction. Finally, the article addresses the implications of such considerations.
Keyword: Literature; Ellen G. White; Fiction; Recommended reading

[1] Pós-doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: milton.torres@unasp.edu.br

Apesar de importantes autores adventistas como June Strong, Trudy J. Morgan-Cole e Rafael Escandón publicarem obras de ficção, nem sempre os méritos de seus esforços são devidamente apreciados pelos membros da IASD. De fato, Morgan-Cole (2010) reclama que, por preconceito, certos editores adventistas não permitem que seus livros sejam oficialmente classificados como ficção. Essa hesitação que alguns adventistas demonstram quando se deparam com tais obras emana principalmente de sua compreensão de que Ellen G. White, principal voz profética da Igreja em seu período de formação, se oporia a esse tipo de leitura. Em consequência disso, uma pesquisa recente revelou que o uso de ficção em instituições educacionais adventistas continua sendo uma questão bastante controversa, mesmo entre os professores que se dedicam ao ensino da literatura (MCGARRELL, 2002, p. 22-27).

Quanto à questão do pensamento de Ellen G. White em relação ao uso de obras de ficção por parte de membros da Igreja, vale, porém, a observação de Adams (1993) de que nós usamos mal os escritos de EGW quando os empregamos de um modo que ela não aprovaria. O mau uso se torna abuso quando tiramos suas declarações do contexto para apoiar nossas próprias teorias. Assim, sérios problemas surgem quando se deixa de prestar atenção ao tempo, lugar e circunstâncias em que fez determinada afirmação.

No entanto, é preciso reconhecer primeiramente que há declarações gerais de Ellen G. White que parecem, de fato, sugerir que certos tipos de ficção s**ão** incompatíveis com a espiritualidade dos jovens adventistas:

> Apelo aos pais para controlarem a leitura dos filhos. Muita leitura apenas lhes causa prejuízo. Não permitam em suas casas especialmente revistas e jornais onde se acham estórias de amor. É impossível que os jovens possuam saudável disposição mental e corretos princípios religiosos, a menos que apreciem a leitura atenta da Palavra de Deus. Este Livro contém a mais interessante história, indica o caminho da salvação por meio de Cristo, e é o seu guia para uma vida mais elevada e melhor. Todos declarariam ser ele o livro mais interessante que já manusearam, se a sua imaginação não se houvesse pervertido por provocantes histórias de índole fictícia (WHITE, 2007a, p. 410).

Ainda segundo ela "os leitores de ficção estão condescendendo com um mal que destrói a espiritualidade e eclipsa a beleza da página sagrada" (WHITE, 1991, p. 168). Além disso, ela escreveu cartas e testemunhos a

algumas pessoas específicas, condenando o apego a certo tipo de leitura. Essas cartas foram posteriormente compiladas e incluídas em algumas de suas obras. Tais declarações precisam ser analisadas no contexto em que foram escritas. Porém, são amplamente citadas como prova de que ela se opunha à leitura de qualquer forma de ficção:

> Tenho conhecimento de muitas mulheres que têm feito do casamento uma desgraça. Elas leem novelas até que sua imaginação se torne doentia e passem a viver num mundo imaginário. Julgam-se mulheres de mente sensível, superiores e cultas, e imaginam que seus maridos não sejam tão refinados assim, que não possuem qualidades superiores e, portanto, não conseguem apreciar suas supostas virtudes e finezas. Consequentemente, elas se sentem sofredoras, mártires. Falam disso e pensam sobre isso, até se tornarem obsessivas. Segundo o Senhor tem me revelado, as mulheres dessa classe perverteram sua imaginação pela leitura de novelas, fantasias e construção de castelos no ar, vivendo num mundo imaginário (WHITE, 2001, v. 2, p. 462-463).

Ao lidar com essas enfáticas declarações, os especialistas adventistas em literatura têm, às vezes, muitas dificuldades para perceber algum tipo claro de relação entre os livros que estudam e o receio expresso por Ellen G. White de que tais obras possam ter um impacto danoso sobre os leitores. Sua reação é, em geral, considerar que a ficção daqueles dias era inferior à que se tornou o objeto do estudo literário em nossos dias. Assim, por exemplo, John O. Waller (1974, p. 142), coordenador do Curso de Língua e Literatura Inglesa entre 1963 e 1979, na Universidade Andrews, faz a seguinte declaração:

> Do ponto de vista literário [...] a ficção assumiu complexidade e sutileza artística muito maiores. Consequentemente, a ficção não é tão facilmente digerida quanto costumava ser [...]. A ficção literária não encoraja o hábito de leitura frívola e apressada só pelo interesse da história [...] Em outras palavras, a ficção tende a ser mais artística e mais desafiadora mentalmente do que o tipo ao qual a Sra. White se refere.

De fato, é possível argumentar que não se estudava literatura de "qualidade", nas universidades dos Estados Unidos. Harvard, em 1876, foi a

primeira a nomear um professor de literatura norte-americana, mas a maioria das universidades daquele país não seguiu seu exemplo até a virada daquele século, enquanto que, no Battle Creek College, instituição mantida pela IASD, no mesmo período, só se ensinava literatura greco-romana (CLOUTEN, 1992). Por essa razão, o gosto não cultivado ditava as normas de uma ficção sensacionalista, violenta e imoral, em que predominava uma visão de mundo superficial e cheia de estereótipos.

Geralmente se entende por ficção qualquer forma de narrativa que contemple eventos que, no todo ou em parte, não são factuais, mas imaginários ou inventados pelo autor. Apesar disso, há tipos diferentes de ficção. Existe primeiramente a ficção não realista, que abre mão das conexões que prendem o enredo à realidade, abrindo espaço para a fantasia indiscriminada. Essa categoria compreende obras como *Alice no país das maravilhas*, *O senhor dos anéis*, As *crônicas de Nárnia* e *Harry Potter*. Em segundo lugar, há o que se chama de ficção realista, isto é, narrativas que, embora sejam imaginárias, obedecem às condições que as situam em um contexto próximo ao da realidade. Como exemplos, podem-se mencionar *Os três mosqueteiros*, *Dom Quixote* e *As aventuras de Tom Sawyer*. Finalmente, existe aquilo que se chama de semificção: uma história imaginária escrita com base em fatos verídicos. Isto é, trata-se de uma versão romanceada de algo que, de fato, ocorreu. Nessa categoria, incluem-se, por exemplo, *A ciropedia*, *No tempo das borboletas*, *Hachiko* e *Arquipélago Gulag*. As declarações de Ellen G. White parecem condenar, indiscriminadamente, mesmo as formas mais brandas de ficção:

> O melhor meio de impedir o crescimento do mal é ocupar previamente o terreno. Em vez de recomendar a vossos filhos que leiam *Robinson Crusoé* [ficção realista] ou histórias fascinantes da vida real, como *A cabana do pai Tomás* [semificção], abri-lhes as Escrituras, e despendei algum tempo cada dia, lendo e estudando a Palavra de Deus (WHITE, 2007a, p. 136).

Ellen G. White se preocupava tanto com a leitura das crianças que, entre 1877 e 1878, organizou uma coletânea para elas, intitulada *Sabbath readings for the home circle*. Quando John Waller examinou, porém, o livro, percebeu que ela incluiu nele várias histórias que são consideradas como "ficção" pelos professores de literatura. A *Review & Herald* de 21/06/1881 faz propaganda do livro e informa que Ellen G. White havia coletado essas

histórias a partir de suas extensas leituras de obras destinadas às crianças e jovens. Além disso, ela recomendava, em seus livros, leitura de obras de ficção como, por exemplo, *O peregrino* (WHITE, 2005, p. 252). Como harmonizar, portanto, o fato de que Ellen G. White condene as obras de ficção em alguns de seus livros, mas as use e recomende em outros livros? Precisamente a esse respeito, John Wood (1976, p. 16-24) escreveu um artigo que revela que Ellen G. White não se opunha tanto à distinção factual *versus* fictício, mas à forma como uma literatura de pouco valor era veiculada em sua época. Trata-se de uma valiosa discussão sobre a escrita criativa nos Estados Unidos durante a segunda metade do século XIX que nos ajuda a compreender o contexto no qual Ellen G. White expressou suas reservas quanto à literatura fictícia. O artigo mostra como novelas cuja temática girava em torno de bêbados e adúlteros haviam caído no gosto popular, alcançando uma vendagem sem precedentes. A título de exemplo, pode-se mencionar que Maria Susanna Cummings (1854) vendeu 40 mil cópias da novela *The lamplighter* nas primeiras oito semanas após sua publicação. Da mesma forma, a Sra. E. D. E. N. Southworth escreveu mais de 50 novelas e cada uma vendeu mais de 100 mil cópias.

Na mesma linha de raciocínio, Delmer Davis (1987) mostrou que os livros das mais importantes figuras literárias da época de Ellen G. White (como Hawthorne, Melville, Thoreau, Emerson e Walt Whitman) tinham muito menos destaque do que os contos populares que eram publicados, em episódios, no formato de folhetins. Até Hawthorne (*apud* MOTT, 1947, p. 122), um dos maiores escritores do período, se lamentava disso:

> A América está agora completamente entregue a essa maldita turba de mulheres escritoras, e eu não terei a menor chance de sucesso enquanto o gosto público se ocupar desse lixo; e eu deveria me envergonhar se eu tivesse sucesso. Qual é o segredo das inumeráveis edições de *The lamplighter* (de Maria Susanna Cummins) e de outros tantos livros que não são nem melhores nem piores? Eles não podiam ser piores e não precisariam ser melhores, vendendo que estão às centenas de milhares!

Os efeitos dessas publicações eram muito semelhantes àqueles que hoje são vistos como resultado da exibição de novelas no horário "nobre" da televisão brasileira. Parece que, entre as principais objeções de Ellen G. White

a esse tipo de leitura, encontram-se a dependência de certa excitação mental e seu caráter viciante:

> Muitos dentre os jovens são ávidos por livros. Leem tudo que podem obter. As provocantes histórias de amor e os quadros impuros [isto é, as revistas pornográficas] exercem uma influência corruptora. As novelas são lidas por muitos com avidez e, em resultado, sua imaginação se torna corrompida. Nos trens, fotografias de mulheres nuas são frequentemente oferecidas à venda [...] É esta uma época em que a corrupção prolifera por toda parte (WHITE, 1995, p. 439).

Além disso, ela se opunha ao fato de que tempo excessivo era consagrado pelos jovens a um tipo de leitura que não era edificante:

> Os jovens acham-se em grande perigo. Grande mal resulta da leitura leviana a que se entregam. Perde-se muito tempo que devia ser empregado em ocupações úteis. Alguns até se abstêm do sono para terminar alguma ridícula história de amor. O mundo acha-se inundado de novelas de toda sorte. Algumas não são de natureza tão perigosa como outras. Umas são imorais, baixas e vulgares; outras revestem-se de mais refinamento; todas, porém, são perniciosas em sua influência (WHITE, 1984, v. 1, p. 237).

Segundo Wood (1976, p. 16-24), nos escritos de Ellen G. White, a palavra "ficção" deve ser entendida como se referindo à novela de enredo melodramático, vendida em panfletos de baixo custo, cujo público-alvo incluía crianças e jovens. Trata-se do que hoje os estudiosos da literatura chamam de "ficção popular" (*pulp fiction*).

Além disso, naquela época eram amplamente usados os assim-chamados "contos de faroeste" (*dime novels*), em que predominavam, entre outros aspectos negativos, a violência e o preconceito contra os índios norte-americanos. Falando a esse respeito, Comstock (1883) assim se pronunciou: "no assunto dos assassinatos, tudo de que se necessita são as instruções dadas pelos escritores dos contos de faroeste; não há sequer um método de assassinato que não tenha sido ali descrito. Nossos jovens estão aprendendo a matar". Ellen G. White também censurou esse tipo de publicação:

> O mundo está inundado de livros que mais conviria destruir que

> divulgar. Livros sobre guerras indígenas e assuntos similares, publicados e distribuídos com a finalidade de ganhar dinheiro, melhor seria se nunca fossem lidos. Esses livros contêm fascinação satânica. A descrição horripilante de crimes e atrocidades exerce sobre muitos jovens uma influência enfeitiçante, incitando-lhes o desejo de alcançar celebridade por meio de atos de maior violência [...] Livros que descrevem as práticas satânicas dos seres humanos estão fazendo publicidade das más obras (WHITE, 1985, v. 3, p. 164).

Ellen G. White claramente sugeria quais leituras os jovens deveriam ou não ler. Contudo, suas declarações não podem ser entendidas como condenando a "ficção" irrestritamente porque sua definição não correspondia à definição técnica de ficção literária. Em 1971, a Conferência Geral autorizou oficialmente o ensino de literatura, com as seguintes recomendações: usar arte séria; evitar sensacionalismo e sentimentalismo; evitar linguagem obscena ou profana; evitar tornar o mal desejável ou o bem trivial; evitar leitura superficial ou frívola; e contemplar a maturidade do indivíduo. Conforme definido pela Conferência Geral, em 1971, o que Ellen G. White rejeitava como ficção era a literatura sentimental, sensacionalista, erótica, profana, vulgar, violenta e escapista, que vicia e compromete a devoção pessoal, consumindo tempo excessivo, sem incutir valores.

Depois de uma minuciosa investigação dos escritos whiteano sobre a questão da leitura de obras fictícias, Clauten (1992) chegou a cinco conclusões principais: não deveríamos esperar que ela fosse mais liberal em sua avaliação dos riscos da leitura frívola do que os pensadores de sua época; as referências de Ellen G. White ao assunto são raras e não constituem nem 3% do montante total de seus escritos; o critério da ficção não era, de fato, um aspecto determinante em sua escolha de obras para a leitura; em nossa época, a preocupação dela encontraria mais ecos numa restrição a programas de televisão ou *sites* da *internet* do que em qualquer reserva contra obras literárias; e, finalmente, a literatura deve continuar a ser ensinada em instituições adventistas como uma forma de promover o pensamento crítico.

Segundo Velez-Sepulveda (1993), há inúmeras razões por que as obras literárias de reconhecido mérito devem continuar a fazer parte do currículo das escolas mantidas pelos adventistas, especialmente as de nível superior. Em primeiro lugar, trata-se de uma exigência acadêmica. A própria Ellen G. White afirmou que "no futuro haverá mais premente necessidade de homens e mulheres de qualificações literárias [literary qualifications] do que houve

no passado" (WHITE, 2007b, p. 192 — grifo nosso para corrigir a tradução atenuante da versão em português: "habilitações intelectuais"). "O intelecto humano necessita de educação literária bem como de instrução espiritual para que se desenvolva harmonicamente; pois sem educação literária os seres humanos não podem ocupar devidamente diversas posições de responsabilidade" (WHITE, 2007b, p. 255-256). Em segundo lugar, a ficção nos possibilita viver experiências vicariamente: "a ficção, em sua melhor forma, é um espelho feito de palavras que reflete o que a realidade e os seres humanos de fato são" (DUNCAN, 1999, p. 68). Finalmente, a literatura nos ajuda a refletir sobre as grandes questões que preocupam a humanidade, dando-nos vislumbres de como lidar com elas de forma construtiva.

Moncrieff (1996, p. 12), professor de literatura na Universidade Andrews, dá alguns conselhos fundamentais para os estudantes adventistas que desejem aprender literatura ou se beneficiar de sua leitura. Primeiramente, devem mudar o foco da escolha de livros para a escolha do tipo de literatura. Em segundo lugar, não devem buscar uma justificativa exclusiva ou primariamente moral para uma determinada leitura. Isto é, a leitura deve também ser uma fonte de prazer e não apenas uma forma de instrução. Em terceiro lugar, devem recordar que a literatura é um convite e um desafio para o crescimento e o amadurecimento do senso crítico de indivíduos autônomos. Portanto, é preciso ler, reler e reagir. Moncrieff (1996, p. 12) também dá sugestões que os professores deveriam levar em consideração ao recomendar obras literárias a seus alunos: que seja arte de verdade, que não seja sentimentaloide ou frívola, que não seja caracterizada por obscenidades, que não torne o mal desejável, que não incentive à leitura superficial e apressada, e que seja adequada à maturidade dos mesmos.

Os contos de faroeste e as fotonovelas perderam seu apelo popular; no entanto, sua essência continua preservada nos programas de variedades, reality-shows, filmes e novelas da televisão. Deveríamos, portanto, canalizar nossa censura para as formas vulgares de entretenimento, mantendo-nos sensíveis e críticos aos grandes temas da literatura. Devemos valorizar as obras de ficção que contribuam para uma maior percepção da realidade e para a expressão mais bela e profunda dos grandes anseios humanos. A Bíblia contém trechos de ficção literária como, por exemplo, o apólogo de Jotão, em Juízes 9:7-15, e, na parábola do rico e Lázaro (Lc 16:19-31), até mesmo Jesus fez uso de ficção. Além disso, a parábola do joio e do trigo (Mt 13:24-30) sugere que nem tudo na vida pode ser tratado como uma questão de completo rompimento com as dimensões mais contundentes da realidade. Em vez disso, é preciso entender que há

aspectos na existência humana com os quais é preciso lidar de forma gradiente. A literatura contribui para o amadurecimento de nossa visão de mundo. Por outro lado, deve-se buscar o equilíbrio sempre. Segundo Ellen G. White (2007, p. 120-121), "não é pecado apreciar o talento literário contanto que não seja idolatrado". Fica, por conseguinte, a sugestão de que também quanto à escolha da literatura possamos trafegar pela rota da moderação e da ponderação reflexiva. A literatura deve enriquecer nossa experiência, não controlá-la.

Referências

ADAMS, R. Editorial. **Adventist Review**, jun. 1993.

CLOUTEN, K. The library of faith: an exploration of the role of the library in a Seventh-day Adventist college. **Christ in the Classroom**, v. 7, p. 39-54, 1992.

COMSTOCK, A. **Traps for the young**. New York: Funk & Wagalls, 1883.

CUMMINGS, M. S. **The lamplighter**. Leipzig: B. Tauchnitz, 1854.

DAVIS, D. Literature for the nation. In: LAND, G. (Ed.). **The world of Ellen G. White**. Washington: Review & Herald, 1987.

DUNCAN, D. J. On the necessity of fiction in the life of faith. **Spectrum**, v. 27, n. 4, p. 68, 1999.

MCGARRELL, S. A. Should Adventist academies teach literature? **Journal of Adventist Education**, Oct./Nov., p. 22-27, 2002.

MONCRIEFF, S. E. Adventists and fiction: another look. **Dialogue**, v. 8, n. 3, p. 9-12, 1996.

MORGAN-COLE, T. J. Stranger than fact. **Adventist Today**, 9/11/2010.

MOTT, F. L. **Golden multitudes**: the story of best-sellers in the United States. New York: Macmillan, 1947.

VELEZ-SEPULVEDA, D. **Literature and life**: teaching fictional literature in Adventist higher education. Mayaguez, Puerto Rico: Antillean Adventist University, 1993.

WALLER, J. O. Fiction, critical theory, and a graduate criticism course. In: DUNN, R. (Ed.). **Seventh-day Adventists and literature**. Riverside: Loma Linda University, Department of English, 1974.

WHITE, E. G. **Counsels for the church**. Washington: the trustees for the Ellen G. White Estate, 1991.

_____. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

_____. **Fundamentos da educação cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

_____. **Mente, caráter e personalidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

_____. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Orietação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

_____. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1984. v. 1.

_____. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985. v. 3.

WOOD, J. The thrashy novel revisited: popular fiction in the age of Ellen G. White. **Spectrum**, n. 7, p. 16-24, 1976.

Enviado dia 06/07/2013
Aceito dia 14/09/2013